

O BANCO MUNDIAL E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS

SILVA, Iraci B. Gonçalves¹

Resumo:

O presente artigo procura, mesmo que superficialmente, analisar as influências do Banco Mundial nas políticas educacionais, buscando captar parte do movimento histórico dos organismos internacionais multilaterais que culminaram na definição de políticas educacionais. A importância do reconhecimento desta *influência* está na dimensão destes organismos internacionais. Medidas como o processo de municipalização da educação, a implementação (e intensificação) de fiscalização externa, o esvaziamento dos conteúdos científicos e culturais fazem parte de uma proposta fortemente arraigada aos interesses do capital.

Palavras-chave: Política Educacional. Banco Mundial. Organismos internacionais multilaterais.

1. Introdução

O trabalho faz parte da pesquisa de doutoramento intitulada "Interfaces entre as políticas de formação de professores dos Institutos Federais de Educação e os organismos internacionais multilaterais" e tem como objetivo analisar o movimento histórico dos organismos internacionais multilaterais que culminaram na definição de políticas educacionais.

A importância do reconhecimento desta *influência* está na dimensão destes organismos internacionais. Medidas como o processo de municipalização da educação, a implementação (e intensificação) de fiscalização externa, o esvaziamento dos conteúdos científicos e culturais fazem parte de uma proposta arraigada aos interesses do capital.

Para este evento, optamos por apresentar parte um breve histórico das mudanças das políticas de atuação do Banco Mundial.

2. O Banco Mundial e as políticas educacionais

É preciso retomar as bases históricas e materiais para compreender como os organismos multilaterais passaram a interferir nas políticas educacionais numa perspectiva mundial. Como e por que instituições financeiras passaram a se ocupar de questões relacionadas à educação nos países da América Latina são questões que não podem passar despercebidas a todo professor que pretende lutar por uma educação que prime pela qualidade social.

1. Doutoranda em Educação PUC/GO, Técnica em Assunto Educacionais, bolsista do PIQ, IF Goiano.

O Banco Mundial foi criado na década de 1940. A proposta era oferecer empréstimos, a juros baixos, aos países afligidos pela guerra, no entanto, a partir do final da década de 1960, de acordo com Leher (1999), o banco altera a política de ação.

Vale destacar que esta década apresentou diversas dificuldades para os Estados Unidos, pois sofreu com a guerra do Vietnã, mundo passava pelo processo de descolonização e havia o processo de fortalecimento dos países não simpáticos a política estadunidense.

Diante disto, os Estados Unidos, durante o período nomeado de Guerra Fria, buscou novas formas de domínio, redimensionando a política externa, buscando propagar sua ideologia, não mais por seu poder bélico, mas pela propagação e cristalização de suas ideias.

Segundo Charlot (2013) o capitalismo não passa por crises, na verdade o que ocorre são adaptações de sua dinâmica estrutural que vão modificando os elementos ao seu redor na tentativa de propagar. Estes movimentos acarretam maiores opressões principalmente pelos sujeitos que foram desapropriados do capital e do saber, ou seja, de quem não detém poder. Estes períodos, muitas vezes caracterizados por *rupturas* são muitas vezes denominados por crises, embora não sejam em si, crises.

Leher (1999) destaca que uma das grandes crises estruturais do capitalismo ocorreu durante a década de 1970. Segundo ele, a exclusão social, o aumento do endividamento dos países periféricos associados ao crescente sentimento antiamericano redimensionou decisivamente os rumos da política do Banco Mundial. Este optou por estratégias cada vez mais contundentes de dominação. A educação, principalmente a dos países simpáticos ao comunismo, passou a ser o alvo de suas ações, compreendendo-a como tática para a segurança da estabilidade dos países hegemônicos. Afinal, a melhor forma de dominar um povo é provavelmente garantindo propagando a ideologia, dominando a forma de pensar.

A paisagem mundial na década de 1970 não era das melhores. Vários foram os problemas sofridos por diversos países: crise na oferta do petróleo, a disputa acirrada entre a União Soviética e Estados Unidos, impulsionada pelo crescimento da indústria bélica de ambos, empréstimos a juros altos e sem a mínima condição de pagamento. Eis uma das táticas utilizadas pelo Banco para garantir o seu domínio e a submissão dos países periféricos: emprestar dinheiro bem acima da possibilidade de quitação das dívidas.

O auge desta difícil situação ocorreu segundo Leher (1999) em 1982. Contexto em que o Banco Mundial exerceu fortemente pressão, exigindo o ajuste estrutural que dentre outros ocasionaria: a desestabilização do Estado do Bem Estar Social, o desemprego estrutural, a política de privatizações, o aumento das taxas de juros e o processo de

desmantelamento dos direitos trabalhistas.

Gradativamente o Banco Mundial foi direcionando suas ações para educação, na perspectiva de garantir a hegemonia, principalmente dos Estados Unidos, por meio educação que deveria disseminar a cultura da paz social e atenuar a pobreza, no entanto, as prioridades para os investimentos ó que ocorreriam em forma de empréstimos ó não ocorreram na mesma direção. A definição pela oferta do ensino técnico ocorreu na década de 1970. O ensino elementar foi tido como prioridade na década de 1980, indicação que foi intensificada na década de 1990. Vale ressaltar que a preocupação com ensino fundamental não se aplicava quanto à qualidade social, uma vez que a orientação dos organismos internacionais defendia a apropriação de conteúdos mínimos, ditos básicos, voltados para a pacificação das massas.

As preocupações do Banco caminharam para a propagação do ensino técnico e posteriormente para o Ensino Fundamental, mas nunca propagaram a favor do ensino superior. De acordo com Leher (1999), a postura ãantiuniversitáriaö emerge historicamente das políticas do Banco. Com isto, reprimiu a propagação das ideais marxistas presentes entre os intelectuais que atuavam nas universidades públicas e disseminou o argumento de que as universidades públicas brasileiras só atendiam à elite, sendo inacessível a maioria da população.

Paradoxalmente, a expansão do ensino superior foi defendida, no entanto, esta deveria fazer a parte da política de privatização. O ensino superior deveria ser visto como investimento pessoal e não como dever ou investimento do estado. As instituições privadas, por outro lado, também não se ocuparam com a indissociabilidade entre pesquisa-ensino-extensão e, por consequência, enfraquecendo o sistema de produção de conhecimento científica e tecnológico. De acordo Vieira e Vidal (2014, p. 107) de 1995 a 2011 o setor privado passou de 1.059,163, ou seja de 60.2% de vagas para 4.996.374, ou seja 73%.

3.Considerações Finais

O estudo sobre a influência do Banco Mundial é de suma importância uma vez que as reformas educacionais, que modificaram profundamente a estrutura da educação brasileira principalmente a partir da década de 1990, correram por determinação dos organismos internacionais e carregam em seu cerne a visão economicista da educação. Dentre as mudanças sofridas pelo ensino público, podemos citar: o processo de municipalização da educação no Brasil, sistema de avaliação, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1996), Plano

Decenal Educação Para Todos (1993-2003), Mais Educação (2007), Bolsa Família (2004), dentre outros.

Essas ações longe de atuar nas reais causas dos problemas educacionais brasileiros, os mascaram e ao ocultá-los dificultam a busca de possíveis soluções. Assim seguem desapropriando a escola da obrigação de ensinar conteúdos científicos e culturais e a faz assumir o triste papel de ser um dos instrumentos de exclusão social sob a falácia da promoção da cultura de paz social e superação da pobreza.

4. Agradecimento

Agradecimento especial ao Instituto Federal Goiano que por meio do Programa de Qualificação Institucional (PIQ IF Goiano) tornou possível a pesquisa em andamento *Interfaces entre as políticas de formação de professores dos Institutos Federais de Educação e os organismos internacionais multilaterais*.

5. Referências Bibliográficas

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Brasil: a educação contemporânea*. In: ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação e da Pedagogia ó Geral e do Brasil*. 3 ed. ver. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

BARRETO, Raquel Goulart, LELHER, Roberto. *Trabalho docente e as reformas neoliberais*. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade. *Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BRASIL/PR. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em 19 março de 2014.

CHARLOT, Bernand. *Educação e globalização: uma tentativa de colocar ordem no debate*. In. : CHARLOT, Bernand. *Da relação com o saber às práticas educativas*. 1ª ed. São Paulo Cortez, 2013. (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos).

CABRAL, Antônio Cabral Neto, CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo. *Educação Superior no Brasil: os contraditórios caminhos da expansão pós-LDB*. In: BRZEZINSKI, Iria.(org.) *LDB\1996 Contemporânea: contradições, tensões, compromisso*. São Paulo: Cortez, 2014.

EVANGELISTA, O. *Qualidade da educação pública: estado e organismos multilaterais*. IN: LIBÂNEO, J.C., SUANNO, V.R. e LIMONTA, S.V. *Qualidade da escola pública: políticas educacionais, didática e formação de professores*. Goiano: Ceped Publicações, 2013.

LEHER, Roberto. *Um novo Senhor da educação? A política educacional do Banco Mundial*

para a periferia do capitalismo. Outubro, São Paulo, n1,1999.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. Brasília, 2ª edição: Líber Livro Editora, 2005.

LIBÂNEO, J.C., OLIVEIRA, J.F., TOCHI, M.S. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo:Cortez, 2009.

LIBÂNEO, J.C. *Internalização das políticas educacionais e repercussões no funcionamento curricular e pedagógico das escolas*. In: LIBÂNEO, J.C., SUANNO, V.R. e LIMONTA, S.V. *Qualidade da escola pública: políticas educacionais, didática e formação de professores*. Goiano:Ceped Publicações, 2013.

_____. *Buscando a qualidade social do ensino*. In: Organização e Gestão da Escola ó Teoria e Prática. Goiânia: Editora Alternativa, 2001. (p. 53 ó 60).

MASCARENHAS, A. C. B. *O trabalho e a identidade política da classe trabalhadora*. Goiânia: Alternativa, 2002.

MÉSZÁROS, Istaván. *A educação para além do capital*. 2ed., São Paulo: Boitempo, 2008. (Mundo do Trabalho).

ROLDÃO, Maria do Céu. *Gestão Curricular: fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica, 1999. P.11 a 36.

_____. *Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional*. Revista Brasileira de Educação, v.12, n.32 jan/abr. 2007.p.94 a 181.

SHIROMA, E. O. *O eufemismo da profissionalização*. In.: MORAES, M.C.M. de (org.) *Iluminismo às avessas: produção e conhecimento e política de formação docente*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. [p.61-79]

SHIROMA, E. O. EVANGELISTA, O. *Um fantasma ronda o professor: a mística da competência*. MORAES, M. C. M. de.(org.). *Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação docente*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. [p.81-98]

TELLO, César. *Perspectivas discursivas sobre profissionalização docente na América Latina*. In.: OLIVEIRA, D. O. ; PINI, M.E., FERDFEBER, M.(org.). *Políticas educacionais e trabalho docente ó perspectiva comparada*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011. [p.147-170]

VIEIRA, Sofia Lerche, VIDAL, Eloisa Maia.*O público e o privado na educação: uma (in)distinção polêmica*. In: BRZEZINSKI, Iria.(org.) *LDB\1996 Contemporânea: contradições, tensões, compromisso*. São Paulo: Cortez, 2014.